

Álvaro Palmeira: “de comunista a legalista, de legalista a revolucionário”

Marcelo Gomes da Silva 

Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA)

Resumo

Partindo da trajetória do professor Álvaro Palmeira, este artigo pretende analisar os prováveis lugares de sociabilidade possibilitados pela função docente. Intenta-se, ainda, refletir sobre a atuação política do professor em partidos políticos, sua relação com o movimento operário e aspectos de sua formação. Seus passos foram seguidos a partir de notícias veiculadas na imprensa onde seu nome era citado. Mapea-se estes vestígios do ano de 1914 a 1937, percebendo que sua circulação se deu predominantemente no subúrbio do Rio de Janeiro, com uma presença marcante entre as associações de trabalhadores. Nesse aspecto, aponta-se uma análise que permite, a partir do sujeito, desvendar o território para além da ideia da cidade apenas como cenário.

Palavras-chave: Álvaro Palmeira; Associativismo; Sociabilidade.

Abstract

Álvaro Palmeira: “from communist the legalist, from legalist to revolutionary”

This article intends to analyze the probable places of sociability made possible by the teaching function from the trajectory of the teacher Álvaro Palmeira. The intention is to reflect on the political action of the teacher in political parties, their relation with the labor movement and aspects of their formation. The teacher's footsteps were followed from news reports in the press where his name was mentioned. These traces were mapped from 1914 to 1937, realizing that its circulation occurred predominantly in the suburbs of Rio de Janeiro, with a strong presence among workers' associations. In this aspect, from the subject, an analysis is established that allows to explore the territory beyond the idea of the city only as scenery.

Keywords: Álvaro Palmeira; Associativism; Sociability.

Resumen

Álvaro Palmeira: “de comunista a legalista, de legalista a revolucionario”

A partir de la trayectoria del profesor Álvaro Palmeira, este artículo tiene el objetivo de analizar los probables lugares de sociabilidad possibilitados por la función docente. Tiene la intención, aún, de reflexionar sobre la actuación política del profesor en partidos políticos, su relación con el movimiento de trabajador y aspectos de su formación. Sus pasos fueron seguidos a partir de noticias transmitidas en la prensa donde su nombre era expresado. Se mapea estos vestigios del año 1914 a 1937, percibiendo que su circulación se dio predominantemente en el suburbio de Río de Janeiro, con una presencia importante entre las asociaciones de trabajadores. En ese aspecto, se apunta un análisis que permite, a partir del sujeto, desentrañar el territorio más allá de la idea de la ciudad apenas como escenario.

Palabras clave: Álvaro Palmeira; Asociaciones; Sociabilidad.

Introdução

Ao tecer, não uma biografia, pois seria uma ilusão (BOURDIEU, 1996), mas aspectos da trajetória do professor Álvaro Palmeira foi possível atentar para um conjunto de ações, relações, circularidades e encontros entre diferentes sujeitos e lugares de sociabilidade (GOMES, 1999). Nesse sentido, encontramos o professor circulando pelo território da cidade do Rio de Janeiro, principalmente no subúrbio. Adentramos na complexa rede de sociabilidade costurada por ele, o que demonstrou uma cidade heterogênea, desvencilhando do tratamento desse território apenas como um cenário.

Compreendemos as indicações sobre a sociabilidade de Jean-François Sirinelli (2003), como uma sugestão metodológica, que aponta para a “inserção das ideias em seu contexto social” (ALVES, 2012, p. 115). Assim, operamos com as informações contidas na imprensa, entre os anos de 1914 e 1937, que continham o nome do professor em questão. Partimos do sujeito para esmiuçar sua trajetória, ancorados na perspectiva que o historiador Giovanni Levi (1992) nos indica em relação à micro-história, e que nos permite considerar os professores para além da sua individualidade, entendidos como sujeitos sociais.

Os trabalhos em que seu nome é citado remetem a algum evento político que o professor esteve presente, entre eles, os ocorridos em 1920, quando foi preso (SILVA, 2017). O *Dicionário do Movimento Operário*, organizado por Claudio Batalha (2009), destaca três momentos de sua trajetória: sua participação em uma conferência realizada na Federação Operária do Rio de Janeiro, em 1917; sua participação na Insurreição Anarquista, em 1918, e seu ingresso na maçonaria em 1920 (BATALHA, 2009, p.122). Em uma busca pela rede mundial de computadores, encontramos o endereço da Loja de Maçonaria utilizado como referência para a construção do verbete da obra supracitada¹. Ambas as fontes destacam que Álvaro Palmeira faleceu no ano de 1992, aos 103 anos.

As duas fontes destacadas, deixaram lacunas consideráveis sobre sua trajetória, o que tornou essa narrativa ainda mais intrigante. Para dar conta dessa lacuna, buscamos em 25 jornais rastros sobre sua trajetória, o que possibilitou perceber sua presença em diferentes espaços, lugares e eventos, além de marcar aspectos de sua formação, sua atuação junto ao movimento operário e sua participação política em instituições partidárias.

¹ Disponível em: <http://www.masonic.com.br/rito/alvaro.htm>. Acesso em: 03 de maio de 2018.

Aspectos de sua formação: normalista, médico e diretor escolar

Em 1914, Álvaro Palmeira aparece entre os 1.432 candidatos que concorreram à prova de suficiência para nomeação de adjunto interino de 3ª classe, realizada na Escola Modelo Estácio de Sá (O PAIZ, 28 mar.1914, p. 9). A demora em listar o resultado, fez surgir uma desconfiança em relação ao concurso. Segundo *A Época*, “no edifício da Prefeitura, em todos os departamentos” era grande o movimento de pessoas “cavando pistolões para os protegidos”. Nessa mesma notícia, o jornal transcreveu enviado por um “leitor e admirador”, “uma lista que caiu do bolso de um dos examinadores do concurso”. De acordo com a “lista dos candidatos aprovados pela 1ª comissão”, Álvaro Palmeira estava entre os felizardos (A ÉPOCA, 5 maio 1914, p. 3).

No mesmo ano, concorreu ao concurso de História Natural e Higiene da Escola Normal, em que, para se inscreverem, era necessário aos candidatos declararem os cargos exercidos, os “títulos e trabalhos pedagógicos, literários e científicos, e juntando certidões de idade e sanidade, folha-corrída e todos os documentos que deponham em favor de sua moralidade e capacidade profissional”. (O PAIZ, 24 ago. 1914, p. 7). Pelas exigências, pressupõe-se que Álvaro Palmeira já acumulasse, naquele momento, algum tipo de formação ou atuação que o possibilitasse a concorrer à vaga.

No mês seguinte ao concurso, foi um dos “designados para lugares de auxiliares de ensino nas escolas primárias” (A EPOCA, 3 out. 1914, p. 2). No entanto, em dezembro de 1914, foi dispensado do cargo, juntamente com vários auxiliares de ensino das escolas primárias (O PAIZ, 1 dez. 1914, p. 6). A questão dos auxiliares perdurou até o ano de 1915, período que a prefeitura nomeou 325 auxiliares de ensino, sendo que, destes, 110 que já teriam servido no ano anterior, foram dispensados. Enquanto isso, Álvaro Palmeira estava entre os 215 alunos que cursavam a Escola Normal naquele momento (JORNAL DO BRASIL, 17 abr. 1915, p. 6). Note-se que ele já fora designado professor mesmo antes de concluir o curso normal, atuando na 2ª série, da 9ª escola mista do 7º distrito (CORREIO DA MANHÃ, 17 nov. 1915, p. 6), e como auxiliar de ensino em 1916 (A ÉPOCA, 1 mar. 1916, p. 6).

Entre os anos de 1917 e 1918, Álvaro Palmeira atuou ativamente nas associações de trabalhadores. Oferecendo conferências, palestras, e aulas em escolas operárias criadas pelas entidades. Inferimos que essa relação com os trabalhadores, reunidos a sua aproximação com os ideais anarquistas, pode ter influenciado sua presença na Liga de Professores, fundada em 1919. Outra hipótese sobre sua relação com a Liga, é o fato de ter sido aluno da Escola Normal, já que essa instituição também serviu como um

lugar de sociabilidade, recebendo, inclusive, as primeiras reuniões, ainda em 1918, para tratar da fundação da associação.

O professor, que havia sido nomeado em março de 1919 “para a 2ª escola masculina do 21º distrito, (GAZETA DE NOTÍCIAS, 13 jun. 1919, p. 4) foi transferido, no ano seguinte, para a escola mista do 4º distrito (JORNAL DO BRASIL, 13 abr. 1920, p. 9). Logo após ser transferido é publicada a sua aprovação no concurso para coadjuvantes de ensino (A RUA, 19/04/1920, p. 3), para o qual foi convocado pouco tempo depois, “a comparecer à Diretoria de Instrução, no prazo de cinco dias” para regularizar “sua situação em face da nomeação” (O JORNAL, 6 jun. 1920, p. 14). No entanto, uma nota na imprensa informou, um mês após a convocação, que “o prefeito tornou sem efeito o decreto de 19 de abril último que designou os professores adjuntos de 3ª classe Álvaro Palmeira e Luiz Alquéres para servirem interinamente como coadjuvantes de ensino” (O JORNAL, 20 jul. 1920, p. 9). Finalmente, em fins do ano de 1921, Álvaro Palmeira é nomeado interinamente o lugar de professor adjunto do curso de adaptação da Escola Visconde de Mauá (CORREIO DA MANHÃ, 2 nov. 1921, p.4).

Pouco tempo depois de se diplomar na Escola Normal, e se tornar professor na Escola Visconde de Mauá, Álvaro Palmeira também iniciou o curso de medicina (JORNAL DO BRASIL, 17 mar. 1922, p. 9). Ainda como estudante, continuou a atuar em nome da Liga de Professores. Foi o representante desta na assembleia geral realizada na sede da União dos Operários Municipais, onde estiveram presentes as diretorias e sócios de associações operários municipais, entre elas, a Liga dos Professores Primários, o Centro dos Professores e Coadjuvantes e a Associação dos Professores (CORREIO DA MANHÃ, 9 jun. 1922, p. 4).

Em 1926, *O Imparcial*, em reportagem de primeira página, publicou uma entrevista com o professor Álvaro Palmeira (Figura). “Em cada homem um operário, o problema do ensino técnico-profissional”, anunciou-se a entrevista em que o professor falou “sobre o assunto” (O IMPARCIAL, 15 out. 1926, p. 1). O ensino profissional, historicamente, é vinculado aos trabalhadores. O professor em questão, já havia atuado em escolas operárias e sua relação com o movimento operário foi bastante intensa. Por acaso, ou não, nos atentou a escolha da reportagem, por parte do jornal, para dividir a primeira página com a entrevista do professor Palmeira. Ao lado da manchete “em cada homem um operário”, lia-se: “A crise comunista”.



Fonte: O IMPARCIAL, 15/10/ 1926, p. 1.

Figura – Capa do Jornal *O Imparcial*.

O professor, na entrevista, defende o ensino técnico profissional vinculado à escola popular, propondo a redução do ensino primário de sete para quatro anos, e, só depois de cursado o ensino primário, o aluno poderia ingressar no ensino técnico profissional. (O IMPARCIAL, 15 out. 1926, p. 1).

Em julho de 1927, por motivo de licença do diretor da Escola Visconde de Mauá, assume a direção (O JORNAL, 4 jun. 1927, p. 8). Nesse mesmo ano, já havia concluído o curso de medicina e integrava “o corpo médico” da Liga de Professores, oferecendo consultas aos associados. (JORNAL DO BRASIL, 27 set. 1927, p. 7). Seu nome aparece também na lista de pessoas que teriam atendido a um apelo da Associação Brasileira de Educação, para associarem-se (O IMPARCIAL, 9 dez. 1928, p. 6).

No final de 1930, a imprensa divulgou o caso da Escola Visconde de Mauá, onde, supostamente, irregularidades haviam sido encontradas. Segundo a notícia, Palmeira não havia contestado as afirmações de irregularidades ou aberto inquérito (A ESQUERDA, 12 dez. 1930, p. 2). O pedido de abertura de inquérito administrativo foi feito pelo vice-diretor, Augusto Lima Brandão, alegando que “são graves as irregularidades ocorridas na escola e que então serão apuradas uma vez que seja designada uma comissão de sindicância” (A BATALHA, 25 jan. 1931, p. 5). A abertura do inquérito estava relacionada, como definido pelo irmão do diretor, Luiz Palmeira, ao contexto político vivenciado naquele momento, consequência da Revolução de 1930 (A ESQUERDA, 3 fev. 1931, p. 2).

Segundo Luiz Palmeira, os “morféticos morais, sem a mínima noção de honra” utilizaram da imprensa, como estratégia para desqualificar aqueles que pretendiam atingir. Nesse sentido, passaram a veicular “suas torpezas, iludindo alguns jornais, e assim, foram preparando o ambiente de desconfiança ao redor das pessoas que visavam” (A ESQUERDA, 3 fev. 1931, p.2). Entre as “torpezas” denunciadas por Luiz Palmeira, podemos citar a menção à trajetória de seu irmão com o movimento anarquista. O discurso anticomunista, muito utilizado naquele contexto como mecanismo de desqualificação (MOTTA, 2000) serviu de narrativa para “desqualificar” o “bicolor-dirigente” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2 nov. 1930, p.4). Apontando possíveis contradições, o jornal *A Batalha* anunciou a carta enviada por “um constante leitor” da seguinte maneira: “Um adesista de ultima hora- Foi um comunista, hipotecou solidariedade ao governo passado e agora é revolucionário” (A BATALHA, 8 nov. 1930, p. 2).

De volta ao inquérito, o seu pedido de abertura, ocorreu em janeiro de 1931. No mês seguinte, durante o processo, Álvaro Palmeira foi afastado (A BATALHA, 10 fev. 1931, p. 2). A notícia teve grande repercussão na imprensa, divulgada, entre outros, pelos jornais *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil*. Como resultado do inquérito, elaborou-se o seguinte parecer: “Termina a sua comissão com um atestado eloquente de não ter sido apurado nada em seu desabono” (A ESQUERDA, 3 jun. 1931, p. 1). Apesar de não haver “nada em seu desabono”, Álvaro Palmeira foi afastado do cargo de diretor e em seu lugar assumiu a direção da Escola Visconde de Mauá o Sr. Múcio de Assis Tavares.

Passado o processo, foi designado como professor de ensino profissional na Escola de Comércio Amaro Cavalcanti (A BATALHA, 26 out. 1932, p.2). Em março de 1934, foi transferido da 13ª para a 11ª Circunscrição de Educação e Saúde e Higiêne Escolar “por conveniência do serviço” (JORNAL DO BRASIL, 11 mar. 1934, p. 29). A partir de 1935, aparece na imprensa como professor do Colégio Souza Marques, em Cascadura, sendo paraninfo dos alunos diplomados naquele ano (GAZETA DE NOTÍCIAS, 16 jan. 1936, p. 5).

“Paladino da liberdade proletária”: a relação com o movimento operário

Entre os anos de 1917 e 1921, ocorreu uma intensa relação do professor com as associações de trabalhadores. Mapeamos sua circulação pela Federação Operária do Rio de Janeiro, a União Geral da Construção Civil e a União Geral dos Trabalhadores.

Resultado de um contexto de grande enfrentamento e “carestia” por parte dos operários atuou no Comitê de Defesa dos Direitos do Homem e Comitê Popular de Combate a Fome. Contribuiu também em eventos organizados pelo Sindicato dos Entalhadores e o Centro Cosmopolita. Pela relação com a União dos Operários em Fábricas de Tecidos, esteve em locais específicos, como a Fábrica Bangu. Circulou também pela Aliança dos Empregados do Comércio e indústria, União Geral dos Metalúrgicos, Centro dos Empregados em Ferrovia, Associação de Resistência dos Cocheiros e Classes Anexas, União Operária de São Cristovão e União dos Empregados Municipais. Além dessas, articulou-se, ainda, com a União dos Operários em Fábricas de Vidros, Sindicato da Arte Culinária, União dos Oficiais de Barbeiros, União dos Alfaiates, Centro dos Operários Marmoristas, União dos Empregados em Padaria e União dos Trabalhadores Gráficos (São Paulo). Dialogou também com as operárias da União das Costureiras e Classes Anexas, e reuniu-se com as mulheres da Liga Comunista Feminina e Liga Feminina de Estudos Sociais.

Qual a legitimidade de Álvaro Palmeira nesses espaços? Era por ser professor? Deve-se, essa circulação, por ser anarquista? Foi aluno da Escola Normal, concluindo o curso em 1918. Em 1920, já havia iniciado o curso na Faculdade de Medicina. No entanto, em uma reunião da Federação Operária, ocorrida em abril de 1917, onde foi produzida uma “Moção Contra Guerra” e distribuída nas ruas da cidade, ele é apontado como operário. Ao citar os presentes que discursaram no evento, *O Imparcial* descreve: “falaram depois” “os operários” “Álvaro Palmeira, que fez um discurso muito sensato sobre o momento internacional” (*O IMPARCIAL*, 13 abr. 1917, p. 5).

O jornal *Correio da Manhã* também deu destaque à reunião dos operários, mas, diz que “depois de falarem contra a guerra, alguns operários” “foi concedida a palavra ao Sr. Álvaro Palmeira”, que teria feito um discurso “vibrante” (*CORREIO DA MANHÃ*, 13 abr. 1917, p. 2). Seu nome é destacado como “senhor”, e não “operário”, como na notícia anterior, mas, como sabemos, nesse ano, era normalista.

“Operário”, “estudante”, “acadêmico”, “senhor”, “camarada professor” Álvaro Palmeira. Independente do modo que os jornais o apresentavam, é perceptível sua relação com as associações de trabalhadores na função de conferencista, palestrante e atuando também oferecendo aulas. É de conhecimento da historiografia da educação que as organizações de trabalhadores e professores possuíam algumas práticas que remetiam à instrução (GONDRA, SCHUELER 2008; COSTA 2012). Nesse sentido, compreendemos a presença de Álvaro Palmeira na “escola primária e secundária”,

criada pela União Geral da Construção Civil, para “instrução dos companheiros associados e seus filhos”, atuando como professor de aritmética avançada. Segundo o jornal *Lanterna*, os operários consideravam a instrução como uma necessidade para “ser organizado” e “consciente” (LANTERNA, 13 dez. 1917, p. 4).

Em relação às escolas operárias, apenas em 1924, conseguimos encontrar na sessão “Vida Proletária”, no jornal *O Brasil*, entre assembleias, sessões solenes e avisos, um pedido da União Geral dos Metalúrgicos para que o “camarada professor Álvaro Palmeira” comparecesse à secretaria da associação para falar aos companheiros da Escola Operária dos Metalúrgicos (O BRASIL, 25 jun. 1924, p. 7).

Os indícios apontam para diversas localidades e, imaginamos um número considerável de pessoas que entraram em contato com as conferências do professor Álvaro Palmeira. *A Lanterna*, ao anunciar uma reunião “para os operários das fábricas Aliança e Sapopemba,” sob a direção da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, destaca que, logo após a reunião, Álvaro Palmeira realizaria uma conferência com o tema “Como procede e como deve proceder o operariado na sociedade presente” (LANTERNA, 02 fev. 1918, p. 4). A direção da União das Fábricas de Tecidos, possivelmente, estava alinhada aos ideais do professor em relação ao modo que os operários deviam se proceder. Aliás, esse é um ponto fundamental para se pensar essa circularidade. Assim como as associações docentes e o professorado em geral estavam inseridos em um campo de disputas, heterogêneo e complexo, também esta era a realidade do movimento operário.

Encontramos anúncios específicos de conferências, sem nenhuma menção à reunião, como a anunciada na sessão “Gazeta Operária”, realizada “no marco VI, da Fábrica Bangu” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 30 mar. 1918, p. 6). Por outro lado, as associações se aproveitavam de eventos diversos que, supostamente, aglutinariam um número considerável de pessoas. Foi o caso do “grande espetáculo”, anunciado na sessão “O Operariado” do *Jornal do Brasil*, realizado no “Teatro Gallego” pelo “Grupo Anarquista Germinal”. Se no caso acima, a conferência do professor Palmeira se realizaria depois da reunião, neste caso, “antes das representações das peças” e do baile, o “Sr. Álvaro Palmeira” faria uma conferência sobre “a revolução maximalista e sua repercussão no mundo” (JORNAL DO BRASIL, 15 jun. 1918, p. 7).

No final do mês de fevereiro de 1918, o curso de aritmética, da “escola primária e secundária”, criada pela União Geral da Construção Civil, deixou, “temporariamente

de ser exercido pelo acadêmico Álvaro Palmeira” (A RAZÃO, 28 jun. 1918, p. 5). Um dos possíveis motivos pelo qual o professor deixou a escola pode ter sido pelo início do “Curso de Sociologia”, organizado pela mesma associação, que teve a participação atuante do professor, inclusive na inauguração, proferindo uma palestra (A RAZÃO, 1 mar. 1918, p.8). O *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro* destacou, em sua edição de março de 1918, as conferências:

Este mês de março elas se vão fazendo ainda mais frequentes, tendo o camarada **Alvaro Palmeira** iniciado um curso de sociologia no 1, devendo continua-la semanalmente, na sede e por iniciativa da União Geral da Construção Civil. (BOLETIM DA ALIANÇA ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO, mar. 1918, p.4). [Grifos nossos].

As conferências teriam o objetivo de orientar os trabalhadores sobre diversos assuntos de interesse coletivo e que servissem “para educação e instrução do operariado”. No informe publicado pela Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro constava a conferência de Fabio Luz, “higiene e História Natural”; Álvaro Palmeira, “Sociologia” e Carlos Dias, “organização e assuntos associativos” (A RAZÃO, 1 set. 1919, p. 6).

A presença do professor na União Geral da Construção Civil foi constante. Suas palestras ocorreram com frequência nessa entidade a partir dos anos 1917. Também esteve em outras entidades, entre elas, o Centro Cosmopolita, órgão dos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés, bares etc. Pelas características da associação, justifica-se o dia da conferência, “às nove horas da noite” de uma “segunda-feira”. O convite aos “companheiros”, publicado na imprensa, dizia que o Centro estava “empenhado em cumprir fielmente a sua elevada missão, levando ao cérebro de cada membro da classe que representa um raio de luz vivificante”. A temática da conferência, que foi ministrada pelo “acadêmico Álvaro Palmeira” tratou sobre “O Jornal e a Civilização” (A RAZÃO, 10 jun. 1918, p.5).

O “jovem acadêmico” também fez conferência na festa em comemoração ao primeiro aniversário de fundação da União Geral da Construção Civil (A RAZÃO, 3 abr. 1918, p. 6). O jornal *A Razão*, poucos dias após o evento, destacou, na sessão intitulada “Movimento Operário à noite”, “A conferência do acadêmico Palmeira”. Na sua fala, mostra uma erudição, citando “Demostenes, o celebre oradora helênico”, confrontando aquela época com a idade contemporânea. Por fim, remete as datas comemorativas e aponta a data “máxima dos trabalhadores: o 1º de maio” (A RAZÃO, 7 maio 1918, p. 5).

Data esta, comemorada naquele ano, no “teatro Maison Moderne”, a convite da União Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. “Em número de muitos milhares”, os “modestos obreiros” ouviram as palavras do Sr. Carlos Dias, representante da Associação de Artes Gráficas. Por último, o “jovem Álvaro Palmeira”, “fez um eloquentíssimo discurso” (A RUA, 1 maio 1918, p. 3). O jornal *A Razão*, em longa publicação de primeira página, tratando das comemorações de 1º de maio, dá um destaque maior as falas proferidas, entre as quais está a de Álvaro Palmeira. O acadêmico teria evocado a luta pelas 8 horas de trabalho, falado do proletariado americano e suas conquistas e sobre a importância da greve geral (A RAZÃO, 2 maio 1918, p. 1).

As comemorações do primeiro de maio no ano de 1920 iniciou-se com um “comício monstro” na Praça Mauá. (CORREIO DA MANHÃ, 3 maio 1920, p. 1). Segundo o jornal *A Noite*, apesar da chuva compareceram ao evento “representantes de todos os centros operários desta capital”, além de representantes dos operários de Pernambuco, Rio Grande do Sul, Bahia etc. Os operários saíram em cortejo da Praça Mauá, com “os pavilhões das suas sociedades”, e, na Avenida Rio Branco, pararam em frente ao jornal *Voz do Povo*, “onde falou de uma das janelas desse órgão operário, o Sr. Álvaro Palmeira, seu diretor” (A NOITE, 2 maio 1920, p. 4), que atacou as leis de repressão aos trabalhadores que o governo cogitava aprovar no congresso (O IMPARCIAL, 2 maio 1920, p. 1). No ano de 1922, Álvaro Palmeira realizou, nas comemorações do dia 1º de maio, uma conferência no Centro Cosmopolita, intitulada: “a grave crise contemporânea” (JORNAL DO BRASIL, 28 abr. 1922, p. 14).

Conferencista, orador, palestrante! Entre as associações, muitos trabalhadores e diversas temáticas o teor político anarquista foi constante, naquele momento, na trajetória do professor. Contexto, como já destacado, de grande efervescência e também de “carestia da vida” vivido pela classe trabalhadora. Também ocorreram ações visando sanar questões imediatas da sobrevivência, como a questão da fome, por exemplo. É nesse cenário que surge o “Comitê Popular do Combate à fome”. O jornal *A Rua* anunciou como “O povo e o operariado levantam-se contra a fome”. “Uma vibrante reunião”, segundo o jornal, ocorreu para tratar da questão. A simples reunião do comitê em questão fez surgir um pedido de explicação da polícia sobre o evento (A RUA, 3 nov. 1918, p. 3).

Segundo o *Jornal do Brasil*, a reunião teria sido “agitada”, e por isso, ocorreram cerca de dez prisões. (JORNAL DO BRASIL, 4 nov. 1918, p. 8). A primeira notícia so-

bre a “prisão indébita” do “acadêmico” Álvaro Palmeira é datada de dezembro de 1918. Segundo o jornal *A Razão*, ele foi detido enquanto saía da Escola Normal. Naquele momento, ainda segundo o jornal, seria “conhecido nos círculos operários pelas suas simpatias pelos problemas sociais, propagandista intemerato das ideias igualitárias”. O acadêmico teria sido vítima “da perseguição da polícia”. O jornal advertia: “Não pecamos, porém, tempo em comentar mais essa prepotência aureliana, pois já não há adjetivos que bastem para condenar e protestar tão grandes e frequentes violências” (A RAZÃO, 10 dez. 1918, p. 4). A “prepotência aureliana” que se refere a notícia, é uma menção ao chefe de polícia, responsável pelo inquérito sobre a insurreição anarquista de novembro de 1918, Aureliano Leal.

No despacho sobre “o processo dos anarquistas”, a justiça pronunciou os considerados “principais cabeças do movimento”, entre eles, o nome de Álvaro Palmeira constava como “coautor” (CORREIO DA MANHÃ, 25 mar. 1919, p. 2). Sua prisão resultou em sua ausência das conferências e sua circulação nas associações de trabalhadores, mas seu nome continuava a ser lembrado nos eventos, como na reunião da “União dos Operários em Fábricas de Tecidos”, na “sucursal de Vila Isabel”, onde foi destacado que os companheiros Álvaro Palmeira e Carlos Dias estavam presos naquele momento (A RAZÃO, 29 mar. 1919, p. 5).

Fato que fez “as classes trabalhadoras” a partir das associações, em assembleia, nomearem um representante “para constituir um comitê de agitação entre o proletariado do Rio de Janeiro”, “a fim de intensificar uma forte campanha de simpatia aos presos”, entre eles, Astrogildo Pereira, Carlos Dias e Álvaro Palmeira. O jornal *A Razão*, um dos divulgadores desse comitê, referiu-se aos encarcerados como “paladinos das liberdades proletárias” e que, o movimento de agitação proposto era um “justo reconhecimento da classe trabalhadora” (A RAZÃO, 14 abr. 1919, p. 6).

Cerca de 15 dias separam o anúncio da prisão e a criação do Comitê de Agitação Pró-Presos. Passados mais 10 dias após sua criação, Álvaro Palmeira foi posto em liberdade. “Máscaras Abaixo!”, anunciava o jornal *A Razão* sobre o processo que levou vários militantes e professores à prisão. “Livres, enfim, os revolucionários visitaram” a redação do jornal *A Razão*, para “agradecer-nos a atitude que mantivemos com relação a todos eles. Fizemos-lhes sentir que A RAZÃO pertence às classes trabalhadoras. Neste particular, apenas cumprimos o nosso dever” (A RAZÃO, 23 abr. 1919, p. 3), encerrava a publicação no jornal sobre o ocorrido.

“O paladino dos proletários”, professor Palmeira, seis dias após deixar o cárcere, já se encontrava na assembleia da União dos Operários da Construção Civil, um dos poucos eventos, como já destacado, que sinaliza o número de trabalhadores presentes. A informação tem como fonte o jornal *A Razão*, o mesmo que se considerou “pertencer às classes trabalhadoras”. Apesar de estarmos cientes dessa relação, é provável, pelo contexto de agitação, que realmente tenha comparecido à “concorridíssima assembleia” cerca de “três mil operários” (*A RAZÃO*, 29 maio 1919, p. 5). Os quais presenciaram a discussão sobre a decretação das 8 horas de trabalho para os trabalhadores da construção civil, que teve como oradores os senhores Edgard Leuenroth, Álvaro Palmeira, Astrogildo Pereira, Carlos Dias e Manoel Campos. Álvaro Palmeira “fez um eloquente histórico de vários fatos sociais e da revolução universal, que se desencadeia para reivindicar os direitos de existência libertária, igualitária, e todas as vantagens a que tem direito a humanidade sofredora” (*A RAZÃO*, 29 maio 1919, p. 5).

As temáticas das conferências proferidas pelo professor envolviam também questões contextuais, a exemplo “da grande reunião” na União dos Operários em Construção Civil, na qual Álvaro Palmeira foi orador. Segundo a publicação, Palmeira tratou da questão social, referindo-se à revolução russa e atacando a burguesia. Teria discorrido, ainda, sobre o amor livre, a questão do casamento, os efeitos da greve na falência do Estado e na morte da burguesia, das vantagens do comunismo, entre outros temas (*A RAZÃO*, 30 jun. 1919, p. 6). Pelas datas dos anúncios das conferências, notamos conferências ocorridas em dias seguidos, no intervalo de dois dias uma para outra, e até conferências semanais. Entre as temáticas, o debate sobre a realização de conferência pelos “camaradas Candido Costa e Álvaro Palmeira”, que falariam sobre a “organização e emancipação dos trabalhadores” (*A RAZÃO*, 23 jul. 1919, p. 6).

Em relação ao público, além dos trabalhadores de várias categorias, os convites para as conferências eram feitos “aos companheiros e suas exmas. Famílias” (*A RAZÃO*, 22 jul. 1919, p. 8). Na União dos Alfaiates, discorreu sobre o “Republicanismo e comunismo”, (*JORNAL DO BRASIL*, 23 jul. 1919, p.10), e no Sindicato da Arte Culinária, falou sobre “o que é a moral” (*A RAZÃO*, 24 jul. 1919, p. 6), enquanto “atualidade operária” foi a temática ministrada na União dos Operários em Fábrica de Tecidos (*JORNAL DO BRASIL*, 12 dez. 1919, p. 10).

A experiência organizativa compartilhada pelo professor Álvaro Palmeira, em relação às associações de trabalhadores, corroborou para a constituição, por parte do professor, de um repertório em relação à organização. Discorrer sobre “as van-

tagens do sindicalismo”, na sessão em que seria fundada a Aliança dos Empregados do Comércio e Indústria, exigia um reconhecimento, por parte dos operários, do conhecimento do professor sobre o assunto. Legitimidade que também foi se construindo ao longo de sua trajetória, principalmente na relação com as associações de classe. Na sessão citada acima, o professor “explicou amplamente as vantagens do sindicalismo fazendo um largo estudo histórico, no fim único de bem demonstrar o meio de se chegar a essa organização” (A NOITE, 1 jun. 1919, p. 3). Nesse momento, o professor era identificado como “um dos esforçados combatentes do Partido Comunista” (A RAZÃO, 2 jul. 1919, p. 6).

Relação que o levou a circular por entidades e organizações como a Liga Comunista Feminina, onde realizou uma série de palestras. A primeira tratou sobre “A mulher na civilização e na revolução. Missão social da mulher” (A RAZÃO, 7 jun. 1919, p. 4). Na 3ª conferência pública, discorreu sobre “o amor livre”. Para o evento, a Liga Comunista Feminina convidou, particularmente “as companheiras das seguintes associações: U.O em Fábricas de Tecidos, União dos Tintureiros, U, das costureiras e C. Anexas, A. dos O, em F. de Calçados, U. O. Fabril de S. Cristóvão” (A RAZÃO, 6 jul. 1919, p. 7). As conferências na Liga Comunista Feminina ocorreram ao longo do ano de 1919, tratando, entre outros temas, sobre “a família em regime comunista” (JORNAL DO BRASIL, 27 ago. 1919, p. 6).

Em janeiro de 1920, desta vez, na Liga Feminina de Estudos Sociais, ministrou uma conferência sobre a Rosa Luxemburgo, por motivo do primeiro aniversário de sua morte (A RAZÃO, 22 jan. 1920, p. 8). Falou ainda às mulheres da União das Costureiras e Classes Anexas sobre “um assunto muito interessante a todas”. Segundo a notícia, o professor Álvaro Palmeira era “eloquente e convincente”, e sua palavra estava sendo sempre “acatada no seio das classes operárias” (VOZ DO POVO, 2 mar. 1920, p. 3).

No entanto, além das associações de trabalhadores, o professor buscou uma circulação em diferentes organizações, entre elas, a maçonaria. O jornal *A Razão*, informa que “o Sr. Álvaro Palmeira procurou [...] o grão-mestre interino da Maçonaria, general Cavalcanti para que se resolvesse o dia e a hora da projetada conferência sobre o maximalismo”. Repare que a proposta temática não se diferenciava dos temas debatidos junto aos trabalhadores. A resposta do grão-mestre foi “que a conferência podia realizar-se, desde que o mesmo satisfizesse a condição imprescindível de ser maçom” (A RAZÃO, 14 ago. 1919, p. 6). Com a negativa do professor, a palestra não se realizou.

Em 1921, “comemorando o martírio de Tiradentes”, realizou uma conferência na Loja Maçônica Fraternidade Espanhola (A NOITE, 19 abr. 1921, p. 2). Se levarmos em consideração a “condição imprescindível de ser maçom”, imposta na notícia acima, podemos considerar que o professor a acatou, afinal, esteve na mesma loja maçônica em julho, em comemoração as festividades da Tomada da Bastilha (O IMPARCIAL, 18 jul. 1921, p. 1). Na década de 1930, o Dr. Álvaro Palmeira, naquele momento, médico, esteve, na condição de conferencista, no Centro Espírita União e Caridade (A BATALHA, 26 maio 1933, p. 4).

O professor Álvaro Palmeira também ocupou o cargo de redator do jornal *Voz do Povo*. Como alternativa para “auxiliar a publicação do jornal”, o “camarada Alvaro Palmeira”, pediu a contribuição “1\$000”, para os trabalhadores que comparecessem em sua conferência no sindicato da construção civil, a qual discorreu sobre “ação política e a questão social” (VOZ DO POVO, 6 fev. 1920, p. 3). Na conferência, o professor começou dizendo que a política não resolvia a questão social “porque as leis são sancionadas para oprimir cada vez mais o povo”. Afirmou ainda que quando uma lei sancionada buscava melhorar um pouco as condições do povo, essa só era votada “quando a pressão da opinião ou ação do povo se fazia sentir” (VOZ DO POVO, 7 nov. 1920, p. 3).

A preocupação com a política e o corpo legislativo, observado na fala acima, representa um indício sobre a percepção do professor em relação a sua atuação. No entanto, no ano de 1920, Álvaro Palmeira ainda realizava “conferência associativa”, apontando a importância da “organização operária” (VOZ DO POVO, 27 nov. 1920, p. 3) e tomando a “unidade proletária como força do progresso” (VOZ DO POVO, 24 mar. 1920, p. 3).

Além de atuar como conferencista em várias associações de trabalhadores, ter participado da Liga de Professores, e ter sido redator do jornal *Voz do Povo* em 1920, Álvaro Palmeira também ocupou o conselho de legislação e justiça da Associação dos Empregados Municipais, em 1921, (O JORNAL, 6 nov. 1921, p. 14), e 1922 (A NOITE, 29 dez. 1922, p. 4).

“Entre os meios trabalhistas e intelectuais”: a “coligação social” e o Partido Democrático Socialista (PDS)

No final do ano de 1920, os jornais anunciaram o surgimento da “Coligação Social”. O cerne do debate proposto estava nas disputas pela ação frente ao movi-

mento operário. A coligação, de cunho socialista, visava criar um “partido político militante”. Essa orientação, no entanto, entrava em conflito com a vocação anarquista, que foi bastante atuante, principalmente, entre as associações de trabalhadores. Não por acaso, o grupo dizia que “o sectarismo político é a morte dos sindicatos”. O jornal *A Razão*, entrevistou alguns “líderes trabalhistas” para se “pronunciarem sobre o assunto”, entre eles, Pereira de Oliveira, “conhecido líder dos operários em tecidos”. O “líder” aponta em sua fala as questões que sinalizam a disputa pela base, ou seja, era preciso convencer os trabalhadores, que o modelo de sindicato e de atuação anarquista havia falhado, por isso, outros meios precisavam ser construídos (A RAZÃO, 1 nov. 1920, p. 3).

Segundo o periódico *A Rua*, “o movimento” “se operava nos meios trabalhistas e intelectuais” (A RUA, 5 nov. 1920, p. 2). A fundação da Coligação Social e o debate proposto antecederiam “o pleito que se realizaria no ano seguinte”, por isso, o grupo se tornou importante no “cenário das eleições”, pois, entre suas resoluções, constava a fundação de um Partido Trabalhista do Brasil (A RAZÃO, 16 nov. 1920, p.2). Com o surgimento da coligação, Álvaro Palmeira integrou seu Comitê Executivo, que, ao todo, era composto “por operários, jornalistas, professores, advogados e empregados no comércio” (A RAZÃO, 16 nov. 1920, p.2).

As discussões em torno da associação de cunho socialista, que visava à criação de um partido e pressupunha concorrer às eleições como forma de atuação, efetivou-se na década de 1930, com a criação do Partido Democrático Socialista. Em 1932, o *Diário de Notícias* informava sobre a reunião promovida pelo Dr. Pedro da Cunha e “um grupo de intelectuais patricios”, para a fundação do partido. Álvaro Palmeira esteve presente na reunião e propôs a nomeação de “uma grande comissão, que ia tomar o título de Comissão Organizadora do Partido, para receber as sugestões dos aderentes e providenciar sobre sua instalação definitiva” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13 mar. 1932, p. 5).

No final daquele ano, trataram da conclusão do manifesto do partido, do qual, Álvaro Palmeira figurava na lista dos integrantes da Comissão Organizadora (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23 nov. 1932, p. 4). Apesar das mudanças ideológicas causarem também transformações na maneira de conceber as atuações, neste caso, a consideração de participar das eleições, outras práticas utilizadas pelo professor se mantiveram. Entre elas, a realização de “conferências públicas no Partido Democrático Socialista” (A NOITE, 25 mar. 1933, p. 4).

A principal mudança no direcionamento da atuação, como destacamos, tratava-se da participação no processo eleitoral, concorrendo como candidatos aos cargos legislativos. Isso de fato foi levado a cabo, inclusive, com o “Dr. Álvaro Palmeira, médico e professor”, concorrendo na chapa do partido para as eleições da Constituinte (A BATALHA, 28 abr. 1933, p. 2). Nesse sentido, as conferências se tornaram comícios de “propaganda política oposicionista no Distrito Federal”. Entre os “militantes políticos da zona suburbana do Distrito”, constavam, no comício em questão, os oradores Álvaro Palmeira, Waldemar Maia, professor Souza Marques, dr. Aristides Vieira Machado e Venutiano de Britto (DIÁRIO CARIOCA, 9 set. 1934, p. 10).

Em 1934, o partido realizou uma reunião na Concentração Política de Inhaúma. A reunião tinha como objetivo escolher os candidatos a deputados e vereadores que fariam parte da chapa com que a “velha agremiação política” compareceria ao pleito. Foi aprovada uma chapa composta de elementos da “Frente Única” e “Autonomista”. Álvaro Palmeira aparece saindo como candidato a vereadores (DIÁRIO CARIOCA, 2 out. 1934, p. 12).

Durante a campanha, Álvaro Palmeira percorreu várias localidades. Esteve na Estrada Velha da Pavuna (DIÁRIO CARIOCA, 9 out. 1934, p.12), e foi um dos candidatos indicados pelos Ferroviários da Central do Brasil (DIÁRIO CARIOCA, 10 out. 1934, p. 2). Como resultado do pleito, conseguiu obter 26 mil votos, mas, figurava na lista de suplentes da Câmara Municipal (A NOITE, 29 dez. 1934, p. 2). Em 1936, consta sua presença no Centro Político de São Cristovão, no qual aparece como vice-presidente. Ocupou, ainda, entre os anos de 1937 e 1938, o cargo de segundo vice-presidente da Coligação Nacional Pró-Estado Leigo (DIÁRIO CARIOCA, 20 maio 1937, p. 10). Em 1937, Álvaro Palmeira é apresentado como vice-presidente do novo diretório do Partido União Democrática do Distrito Federal, formado pelo Centro Político Eleitoral de São Cristovão (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 maio 1937, p. 5).

Considerações finais

Ao traçar a trajetória do professor Álvaro Palmeira, percebemos um grande número de sujeitos cruzando seu caminho, além de tantas outras associações e sindicatos operários. Foi possível, a partir dessa escolha metodológica, refletir sobre as sociabilidades do professor no território da cidade do Rio de Janeiro, que se mostrou

heterogênea e muito mais complexa do que apenas a ideia de cenário que engloba certos eventos.

Em relação com a cidade, vivenciando diferentes experiências, vimos que o professor foi normalista, anarquista, diretor de escola e médico. As funções e filiações ideológicas acompanharam a sua trajetória. No entanto, os valores e ideais do sujeito não se mantiveram estáticas ao longo do processo. Percebemos, principalmente após a década de 1930, uma mudança em relação a sua concepção de atuação política. Seu discurso continuava imbricado com a classe trabalhadora, mas, o referencial passa a ser o socialismo, que teria como campo de ação, a democracia representativa, por isso, sua inscrição no Partido Democrático Socialista, pelo qual concorreu ao cargo legislativo.

A trajetória de Álvaro Palmeira representa, em termos analíticos, a complexidade em que os sujeitos estiveram envolvidos, e nos levou a refletir sobre os modos que enquadrámos os sujeitos a partir de determinados momentos históricos. As trajetórias precisam ser tecidas de formas contextuais, ou seja, o entendimento do processo não pode ser marcado por contextos específicos, pois os sujeitos agem de acordo com as possibilidades, as necessidades e de forma estratégica. Assim, as citações e menções ao seu nome recorrem, frequentemente, apenas a sua atuação enquanto anarquista, o que reduz sua longa trajetória a apenas um aspecto. Através dele, vislumbramos também, as redes produzidas pelas associações operárias, suas práticas e demandas, que estiveram próximas das associações docentes. O professor Palmeira não fez parte da diretoria da Liga de Professores. Pelos indícios, não conseguimos inferir o porquê dessa ausência nas comissões diretoras. Mas, falou em nome da Liga até a década de 1930. Assim como muitos professores e professoras vinculadas às associações, também frequentou a Escola Normal.

Referências

A BATALHA, 8 nov. 1930, p.2.

A BATALHA, 25 jan. 1931.

A BATALHA, 10 fev. 1931.

A BATALHA, 26 out. 1932.

A BATALHA, 28 abr. 1933.

A BATALHA, 26 maio 1933.

A ÉPOCA, 3 out. 1914.

A ÉPOCA, 5 maio 1914.

A ÉPOCA, 1 mar. 1916.

A ESQUERDA, 12 dez. 1930.

A ESQUERDA, 3 fev. 1931.

A ESQUERDA, 3 jun. 1931.

ALVES, C. Jean-François Sirinelli e o político como terreno da história cultural. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. (Orgs.). *Pensadores sociais e história da educação*. vol. 2. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. p. 111-33.

A NOITE, 1 jun. 1919.

A NOITE, 2 maio 1920.

A NOITE, 19 abr. 1921.

A NOITE, 29 dez. 1922.

A NOITE, 25 mar. 1933.

A NOITE, 29 dez. 1934.

A RAZÃO, 28 fev. 1918.

A RAZÃO, 1 mar. 1918.

A RAZÃO, 3 abr. 1918.

A RUA, 01 maio 1918.

A RAZÃO, 2 maio 1918.

A RAZÃO, 7 maio 1918.

A RAZÃO, 10 jun. 1918.

A RAZÃO, 7 jun. 1919.

A RAZÃO, 2 jul. 1919.

A RAZÃO, 6 jul. 1919.

A RAZÃO, 24 jul. 1919.

A RAZÃO, 1 set. 1919.

A RAZÃO, 14 ago. 1919.

A RAZÃO, 22 jan. 1920.

A RAZÃO, 1 nov. 1920.

A RUA, 05 nov. 1920.

A RAZÃO, 16 nov. 1920.

A RUA, 19 abr. 1920.

BATALHA, C. (Org.). *Dicionário do movimento operário na cidade do Rio de Janeiro do século XX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo, SP: Perseu Abramo, 2009.

BOLETIM DA ALIANÇA ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO, mar. 1918.

BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

CORREIO DA MANHÃ, 17 nov. 1915.

CORREIO DA MANHÃ, 13 abr. 1917.

CORREIO DA MANHÃ, 25 mar. 1919.

CORREIO DA MANHÃ, 3 maio 1920.

CORREIO DA MANHÃ, 02 nov. 1921.

CORREIO DA MANHÃ, 09 jun. 1922.

COSTA, A. L. J. *O educar-se das classes populares oitocentistas no Rio de Janeiro entre a escolarização e a experiência*. 2012. 274 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2 nov. 1930.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23 nov. 1932.

DIÁRIO CARIOCA, 9 set. 1934.

DIÁRIO CARIOCA, 2 out. 1934.

DIÁRIO CARIOCA, 9 out. 1934.

DIÁRIO CARIOCA, 20 maio 1937.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 maio 1937.

GAZETA DE NOTÍCIAS, 30 mar. 1918.

GAZETA DE NOTÍCIAS, 13 jun. 1919.

GAZETA DE NOTÍCIAS, 16 jan. 1936.

GOMES, A. C. *Essa gente do Rio: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GONDRA, J. G.; SCHUELER, A. F. *Educação, poder e sociedade no império brasileiro*. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

JORNAL DO BRASIL, 17 abr. 1915.

JORNAL DO BRASIL, 15 jun. 1918.

JORNAL DO BRASIL, 4 nov. 1918.

JORNAL DO BRASIL, 23 jul. 1919.

JORNAL DO BRASIL, 27 ago. 1919.

JORNAL DO BRASIL, 12 dez. 1919.

JORNAL DO BRASIL, 13 abr. 1920.

JORNAL DO BRASIL, 17 mar. 1922.

JORNAL DO BRASIL, 28 abr. 1922.

JORNAL DO BRASIL, 27 set. 1927.

JORNAL DO BRASIL, 11 mar. 1934.

LANTERNA, 13 dez. 1917.

LANTERNA, 02 fev. 1918.

LEVI, G. Sobre a micro-história In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, SP: Universidade Estadual Paulista, 1992.

MOTTA, R. P. S. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917- 1964)*. 2000. Tese (Doutorado em História) — Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

O BRASIL, 25 jun. 1924.

O IMPARCIAL, 13 abr. 1917.

O IMPARCIAL, 18 jul. 1921.

O IMPARCIAL, 15 out. 1926.

O IMPARCIAL, 9 dez. 1928.

O JORNAL, 6 jun. 1920.

O JORNAL, 20 jul. 1920.

O JORNAL, 6 nov. 1921.

O JORNAL, 04 jun. 1927.

O PAIZ, 28 mar. 1914.

O PAÍZ, 24 ago. 1914.

O PAÍZ, 1 dez. 1914.

SILVA, J. C. S. O corpo docente carioca sob controle: sobre algumas das estratégias acionadas pela diretoria geral de instrução pública nos anos 1920. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 22, n. 2, p. 51-72, maio/ago. 2017.

SIRINELLI, J. -F. Os intelectuais. In: REMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p. 232-53.

VOZ DO POVO, 2 mar. 1920.

VOZ DO POVO, 24 mar. 1920.

VOZ DO POVO, 7 nov. 1920.

VOZ DO POVO, 27 nov. 1920.

Submissão em: 16-10-2018

Aceito em: 01-04-2019